

# DA SINTAXE AO DISCURSO: LÍNGUA E IDEOLOGIA NA ANÁLISE DE DISCURSOS GENERIFICADOS

DE LA SINTAXIS AL DISCURSO: LENGUAJE E IDEOLOGÍA EN EL ANÁLISIS DE DISCURSOS  
DE GÉNERO

FROM SYNTAX TO THE DISCOURSE: LANGUAGE AND IDEOLOGY IN THE ANALYSIS OF  
GENDERED DISCOURSES

**Luciana Iost Vinhas\***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**RESUMO:** Em abril de 2019, o Presidente da República brasileira, Jair Messias Bolsonaro, fez uma declaração referindo-se ao turismo no país. Com base no dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso materialista, a presente reflexão tem o objetivo de analisar discursivamente esse enunciado, proferido pelo chefe do Executivo brasileiro, observando a forma como o discurso é formulado sintaticamente. Atentamos para a discursivização do gênero, entendendo que gênero e sexualidade são significadas pelo processo de interpelação ideológica, dependente do funcionamento de uma formação discursiva. Percebemos, com a análise, que o enunciado reproduz a violência de gênero a partir de uma formação discursiva conservadora, sendo possível essa observação através de um trabalho sobre a sintaxe que constitui a sequência discursiva em análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua. Discurso. Gênero. Formação Discursiva.

**RESUMEN:** En abril de 2019, el Presidente de la República de Brasil, Jair Messias Bolsonaro, hizo una declaración refiriéndose al turismo en el país. Basada en el dispositivo teórico-analítico del Análisis del Discurso materialista, la presente reflexión tiene el objetivo de analizar discursivamente ese enunciado, proferido por el jefe del Ejecutivo brasileño, observando la forma como el discurso está formulado sintácticamente. Prestamos atención a la discursivización del género, entendiendo que género y sexualidad son significados por el proceso de interpelación ideológica, dependiente del funcionamiento de una formación discursiva. Percibimos que, con el análisis, el enunciado reproduce la violencia de género a partir de una formación discursiva conservadora, siendo posible esa observación a través de un trabajo sobre la sintaxis que constituye la secuencia discursiva en análisis.

**PALABRAS CLAVE:** Lenguaje. Discurso. Género. Formación Discursiva.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1026-2277>. E-mail: [lucianavinhas@gmail.com](mailto:lucianavinhas@gmail.com).

ABSTRACT: In April 2019, the President of the Brazilian Republic, Jair Messias Bolsonaro, made a statement referring to tourism in the country. Based on the theoretical-analytical device of the Materialist Discourse Analysis, the present study aims to analyze this statement discursively, made by the head of the Brazilian Executive, observing the way the saying is formulated syntactically. We pay attention to the discursivization of gender, understanding that gender and sexuality are signified by the process of ideological interpellation, which depends on the functioning of a discursive formation. We realized that, with the analysis, the statement reproduces gender violence from a conservative discursive formation, making this observation possible through a work on the syntax that constitutes the discursive sequence under analysis.

KEYWORDS: Language. Discourse. Gender. Discursive Formation.

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta de reflexão aqui apresentada<sup>1</sup> traz para debate elementos referentes à cena política brasileira após a eleição de Jair Bolsonaro para o mandato 2019-2022 na Presidência da República, atentando, especificamente, à discursivização sobre gênero a partir de um dizer do Presidente. Antes de tratarmos sobre esse processo, vamos estabelecer uma breve retomada das condições sócio-histórico-ideológicas de produção do discurso, a qual envolve uma dimensão política calcada em uma polarização, conforme será explicado.

Depois do pleito, diferentes estudos recorreram sobre aquilo que pode ter determinado o processo eleitoral de 2018: o Brasil se encontra(va) discursivamente afetado por uma diferença entre duas posições antagônicas no espectro ideológico concernente à dimensão discursiva política. Essa diferença entre posições antagônicas pode ser compreendida como uma *polarização*. Conforme Recuero e Gruzd (2019, p. 33), através de pesquisa investigando dados da rede social online Twitter, “[...] esse fenômeno [polarização] é representado pela constituição de polos opostos partidários, pouco conectados entre si”. Podemos interpretar que as formulações colocadas em circulação a partir de um dos polos não estabelecem relações parafrásticas com as formulações colocadas em circulação a partir do outro polo, o que caracterizaria, portanto, esse fenômeno da polarização – acarretando consequências na forma como os discursos produzem efeitos no processo de interpelação ideológica<sup>2</sup>.

Embora esse “fenômeno” da polarização seja atribuído a uma escala mundial, a presente reflexão tenta trabalhar no terreno das tensões e das disputas discursivas que tomam lugar na formação social brasileira atual. No Brasil, após o processo eleitoral de 2018, no qual Presidente, deputados federais e estaduais, senadores e governadores foram eleitos, registrou-se o amplo domínio, tanto no âmbito federal quanto na esfera regional, de partidos políticos aliados ao espectro ideológico da direita (LIMA, 2019). Esses partidos têm representantes no legislativo federal que se manifestaram favoráveis a projetos que diminuem os investimentos no bem-estar social (citamos a Emenda Constitucional nº 95/16, a chamada “PEC da Morte”, que congela os investimentos públicos em Educação e Saúde por 20 anos, com base no orçamento de 2016) e a projetos que retiram direitos historicamente conquistados pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores do país, como a Reforma da Previdência (Emenda Constitucional nº 103) e a Reforma Trabalhista (Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017). Um desses partidos é o Partido Social Liberal (PSL), cuja maior força política estava representada pelo Presidente eleito Jair Bolsonaro<sup>3</sup>. O partido tomou força e se instalou, com vários representantes eleitos para o executivo e para o legislativo, em diferentes locais do país, e, juntamente com outros partidos de direita, passou a configurar, segundo nossa interpretação a partir dos dados da eleição de 2018, uma posição política, ideológica e de classe dominante<sup>4</sup>. Na figura de Bolsonaro, promete-se um enxugamento da máquina pública aliada à bandeira da Reforma da Previdência (promulgada em

<sup>1</sup> O presente texto foi anteriormente apresentado em duas ocasiões: na IX Semana Acadêmica de Letras da Universidade Federal do Rio Grande, em 17 maio de 2019, e em aula do Curso Livre “A Análise do Discurso e as noções que nos afetam” (PPGLET-UFRGS), a convite da Profa. Dra. Solange Mittmann, em 2 setembro de 2020.

<sup>2</sup> Dentre esses efeitos, podemos fazer referência ao discurso de ódio e à propagação de desinformação, os quais afetam a gestão democrática do país. Sobre esses assuntos, podemos citar Miguel (2019) e Costa e Silva (2020).

<sup>3</sup> O enunciado que será aqui analisado, produzido pelo Presidente Jair Bolsonaro em 2019, foi formulado quando o Presidente ainda estava filiado ao PSL. É importante destacar que, a partir de novembro de 2019, Bolsonaro se desfiliou do partido e passou a ficar sem partido (MAZUI; RODRIGUES, 2019).

<sup>4</sup> Os dados mostram a perda considerável de votos do PT nas eleições presidenciais de 2018, conforme informações da Folha de São Paulo (PT...2018).

novembro de 2019), que atinge, de forma impassível, a população mais pobre e mais vulnerável do país, mantendo os privilégios conquistados pelas classes política, jurídica e militar.

Tal era o cenário mais amplo da configuração sócio-histórico-ideológica do país em 2019, correspondendo, portanto, àquilo que se caracteriza, a partir da perspectiva teórica adotada neste artigo, como as condições de produção de discurso, ou seja, “[...] o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ [CP] dadas” (PÊCHEUX, 2019 [1969], p. 31). As condições de produção correspondem ao contexto sócio-histórico-ideológico no qual podemos observar a configuração das formações discursivas, em seu funcionamento desigual, predominantemente aliadas ao discurso de direita, vinculado ao capitalismo em sua versão neoliberal. O carro-chefe do discurso bolsonarista se sustenta na economia, atendendo aos interesses dos oligopólios na redução da soberania nacional pública, através tanto da reforma da Previdência quanto da privatização de estatais. Esse cenário já se desenhava no governo de Michel Temer, quando se anunciava a venda dos campos do pré-sal a grupos estrangeiros, respondendo a uma demanda do capital financeiro externo e negligenciando a possibilidade de o país se beneficiar com os recursos advindos do petróleo<sup>5</sup>. As implicações da gestão neoliberal envolvem “[...] a privatização de empresas públicas, a desregulação do mercado financeiro, a redução de participação do papel do Estado em obras sociais e assistenciais, a precarização das leis trabalhistas, o desemprego massivo e a alta inflação” (ZANDWAIS, 2019, p. 113).

No entanto, mesmo baseando todo o funcionamento dos seus ministérios na diminuição de recursos públicos, e, por conseguinte, na abertura para o capital externo, e configurando a gestão de todo um país como uma gestão meramente econômica, Bolsonaro termina de compor a sua imagem de Presidente por meio de declarações polêmicas, reproduzindo saberes conservadores e inconstitucionais, os quais afetam diferentes membros da população brasileira. Seus pronunciamentos atingem aqueles que não falam da posição da branquitude, da cisheteronormatividade, nem da posição de classe burguesa. A gestão econômica neoliberal se alia, assim, à reprodução do patriarcalismo e do racismo, sendo possível, portanto, estabelecer uma relação entre o discurso conservador e o discurso neoliberal, que lucra com o processo de opressão das categorias sociais subalternizadas.

Um de seus pronunciamentos será o objeto de análise do presente trabalho. Entendendo a importância de se refletir sobre os efeitos de sentido possíveis de serem estabelecidos a partir desses enunciados, proferidos por um sujeito-falante que ocupa o lugar mais alto do Executivo brasileiro, esta proposta de pesquisa, ancorada na Análise de Discurso materialista (AD), conforme proposta por Michel Pêcheux e colaboradores, tem o objetivo de, a partir de um recorte de um pronunciamento de Jair Bolsonaro, promover uma análise discursiva observando o funcionamento sintático de uma sequência discursiva (SD). Conforme será trabalhado, a SD, segundo o gesto interpretativo que será desenvolvido, reproduz a violência de gênero e, por isso, a análise discursiva empreendida almeja trabalhar sobre formulações que colocam em circulação saberes do interdiscurso que reproduzem esse tipo de violência.

O enunciado que será objeto de análise foi dito pelo Presidente da República no dia 25 de abril de 2019. Durante um café da manhã com jornalistas, ao falar sobre turismo no país, ele fez a seguinte declaração: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro. Temos famílias”<sup>6</sup>. O episódio aconteceu com a demissão do diretor de Comunicação e Marketing do Banco do Brasil, em função da produção de uma propaganda censurada por Bolsonaro<sup>7</sup>.

Para atingir o objetivo proposto, vamos, em um primeiro momento, apresentar alguns elementos teóricos da Análise de Discurso que serão fundamentais para o desenvolvimento da análise. Assim, em seguida da apresentação desses elementos, o enunciado

<sup>5</sup> Conforme Reichow, Mello e Carleial (2018, p. 146), poucos meses após o golpe de 2016, “[...] passou-se ao corte de direitos sociais, de desregulações fulcrais na economia do petróleo e, essencialmente, na visualização da PETROBRAS como um ativo financeiro – desaguando na venda de campos do pré-sal, nas mudanças de gestão da estatal e na instituição de uma nova política de preços. E com essa implementação, novamente, de um modelo neoliberal e privatizante, consolidam-se as interpretações de que uma das motivações do próprio golpe foi entregar o pré-sal para os grupos internacionais do petróleo e, idealmente, privatizar a PETROBRAS”.

<sup>6</sup> Redação Pragmatismo (2019).

<sup>7</sup> A propaganda do Banco do Brasil censurada por Bolsonaro era “marcada por um tom jovial, diversidade de raça e estilo dos atores e atrizes convidados” (ÁLVARES, 2019), e, segundo Bolsonaro, “não é censura, é respeito com a população brasileira”. A citação foi retirada da sua página do Twitter em publicação do dia 4 de maio de 2019.

proferido por Bolsonaro será retomado, para que seja realizada a descrição e a interpretação do *corpus*, com base nos pressupostos da AD materialista.

## 2 PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS DA ANÁLISE DE DISCURSO MATERIALISTA

A AD se constitui como um campo do conhecimento comprometido com a compreensão da relação entre linguagem, subjetividade e sociedade no processo de constituição dos sentidos. Seu objetivo só é atingido pela articulação, proposta por Michel Pêcheux, entre três regiões do conhecimento, a saber, a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. A proposta do filósofo se ancora no pressuposto de que o processo de constituição dos sentidos (e dos sujeitos) se dá materialmente na língua, e esse processo não se destaca de um funcionamento político, ideológico e de classe.

No que concerne ao materialismo histórico, é possível afirmar que Louis Althusser proporciona um diferencial nesses estudos, contribuindo com a teorização sobre os aparelhos (ideológicos e repressivo) de Estado. Por sua vez, Michel Pêcheux, filósofo aluno de Althusser, produz avanços importantes ao considerar o materialismo em relação com a linguagem. Para ele, a forma de existência material por excelência da ideologia é a língua. Se existe dominação de classe, essa dominação toma forma na língua, e, com base nisso, o autor cria uma teoria dos processos semânticos baseada no funcionamento da ideologia e na posição ocupada pelos sujeitos na luta de classes.

Para que seja possível compreender o funcionamento do discurso, a AD lança mão de alguns conceitos que permitem o desenvolvimento de reflexões calcadas em uma perspectiva materialista do trabalho da ideologia. Na tentativa teórico-analítica de se resgatar o processo discursivo a partir da base linguística, o analista de discurso relaciona o que é dito com aquilo que não é dito, e, nesse trabalho, consegue formular análises que articulam a descrição linguística, pensando em trabalhos que enfoquem a linguagem verbal, e a interpretação, em um batimento constante entre teoria e análise. Assim, o trabalho do analista acontece como em um processo em espiral: da teoria para a análise, da análise para a teoria, sempre avançando mais no processo de descrição e interpretação do *corpus* e, em função disso, nunca retornando para o mesmo lugar (ao contrário do que aconteceria em um processo pendular).

Na AD, entende-se que não se pode tudo dizer: a língua é incompleta, assim como o sujeito é incompleto. Em função disso, algo sempre resta na relação de sentidos, algo sempre deixa de ser dito. Trata-se de uma relação dialética, fundamental para a forma como as análises são desenvolvidas, pois se baseia na contradição entre os saberes que estão em disputa para serem colocados em circulação e para interpelarem os sujeitos. Segundo Orlandi (2003a, p. 34), a prática de leitura discursiva “[...] consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária”. Cabe ao analista realizar uma leitura não literal da materialidade em análise, colocando em xeque os saberes da ideologia dominante que teimam em se fazer presentes, representantes da formação social capitalista.

No esforço de tentar compreender esse processo, é importante dizer o seguinte: para que o discurso seja colocado em circulação a partir de uma determinada formulação, existe um encaixe entre aquilo que é possível de ser dito (todos os saberes que estão no interdiscurso, organizados em formações discursivas) e como isso será dito (a forma linguística como isso ganhará corpo). Sendo assim, a relação entre o mundo e a língua não se dá de forma direta, pois, entre a língua e o mundo se impõe a ideologia, determinando as interpretações possíveis. O sujeito, como diz Orlandi (2003b), é injungido a interpretar, pois não se pode estar fora da ideologia. Essa injunção à interpretação indica que, sempre que o sujeito se depara com uma determinada forma de existência material, existe a interpretação dessa materialidade a partir da formação discursiva (FD) com a qual se identifica. Sendo assim, o todo do interdiscurso não é acessado pelo sujeito, pois esse resgate é parcial, sendo o resto do interdiscurso ocultado pelo efeito ideológico necessário para a livre submissão do sujeito a um determinado grupo de saberes.

As formações discursivas “determinam, assim, a significação que tomam as palavras” (TEIXEIRA, 2005, p. 33), ou seja, “as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma *formação discursiva* a outra” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007, p. 26); com essa

definição, podemos compreender que a FD é necessária para o estabelecimento de sentido, o qual não está desvinculado do processo de assujeitamento do sujeito à ideologia. A formação discursiva representa a garantia de que a ideologia se divide, visto que ela não é idêntica a ela mesma, e essa divisão não existe sem contradição, presente no complexo com determinante do interdiscurso. O interdiscurso é, portanto, aquilo que “[...] determina uma FD, ou seja, o interdiscurso contém os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD” (INDURSKY, 2007a, p. 6).

Ao se identificar com uma formação discursiva, o sujeito não se identifica com outras formações discursivas presentes no interdiscurso, o que revela a relação de antagonismo necessária para a organização das formações discursivas. No entanto, apesar de existir esse antagonismo, as formações discursivas não são homogêneas, o que indica que saberes advindos de outras formações discursivas podem se fazer presentes na organização de uma FD, justificável pelo caráter lacunar da forma-sujeito (INDURSKY, 2007b). Essa identificação é necessária para que o sujeito possa significar o mundo, e esse processo de atribuição de sentido se dá a partir da FD enquanto uma posição política, ideológica e de classe (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007). Assim, não existe atribuição de sentido desvinculada do funcionamento ideológico, representada por uma parte do interdiscurso com a qual o sujeito se identifica.

Aqui podemos marcar a importância de se considerar a formação discursiva como conceito fundamental para as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Análise de Discurso. A FD se mostra como noção que representa a articulação entre inconsciente e ideologia, ou, nas palavras de Pêcheux (2009a), entre o assujeitamento ideológico e o recalque inconsciente. Essa noção traz à tona a observação da contradição na determinação dos processos discursivos, através do trabalho dialético sobre aquilo que é dito em relação com o que não é dito; ela opera como conceito que não abre mão da forma de existência material da ideologia para o processo de estabelecimento de efeito de sentido, em relação histórica de sobredeterminação; e ela se torna o ponto no qual se pode instalar a contradição a partir de seu “interior”, a partir daquilo que poderia e deveria ser dito com base na sua forma-sujeito, processo que pode surgir pelos efeitos da atuação do inconsciente. A base linguística movimenta todas essas possibilidades de trabalho com a formação discursiva, que materializa as relações designadas pelos campos do materialismo histórico-dialético e pela psicanálise na constituição do quadro epistemológico da AD. Para isso, tomando a Análise de Discurso como suporte teórico, o princípio fundamental é o de dar visibilidade aos efeitos do ideológico nas questões que envolvem a linguagem (LEANDRO-FERREIRA, 2000), e, nesse processo, é importante entender que o sujeito do discurso mantém “[...] uma relação ativa no interior de uma dada formação discursiva: assim como é determinado, também a determina, por força de sua prática discursiva” (LEANDRO-FERREIRA, 2003, p. 192).

Antes de passarmos à próxima seção do artigo, resta necessário apresentar a forma como o discurso generificado é compreendido no âmbito da Análise de Discurso. Para tanto, tomamos como base a proposta de Zoppi-Fontana e Ferrari (2017, p. 9), em que as autoras defendem “[...] a necessidade de se pensar no funcionamento da interpelação ideológica como um processo sempre-já-gendrado, ou seja, que sofre a sobredeterminação de identificações simbólicas de gênero e sexualidade”. Assim, no que concerne ao discurso generificado, o efeito de sentido estabelecido sobre gênero e sexualidade é determinado pela forma como o sujeito se relaciona com a ideologia; em outras palavras, o estabelecimento de sentido sobre gênero e sexualidade depende da identificação do sujeito com determinada formação discursiva, e é isso o que observaremos com o processo de descrição e interpretação do *corpus*.

As questões teóricas trazidas acima são importantes para compreender como a AD realiza suas discussões, ancorada em uma concepção de subjetividade afetada pelo ideológico e pelo inconsciente, sendo o processo de constituição, circulação e formulação dos sentidos (ORLANDI, 2005) afetado por essa relação dialética. A próxima seção do texto, com base nessas questões, tenta trazer uma proposta de descrição e de interpretação do *corpus*, a saber, da fala de Bolsonaro sobre turismo (sexual) no Brasil.

### 3 BASE LINGUÍSTICA E PROCESSO DISCURSIVO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Com alguns elementos sobre a Análise de Discurso trabalhados, passaremos ao desenvolvimento da análise aqui proposta. Primeiramente, vamos retomar o enunciado proferido pelo Presidente brasileiro e, também, as condições imediatas de produção que envolveram o acontecimento: conforme já mencionado, fazemos referência a um enunciado pronunciado por Jair Bolsonaro

no dia 25 de abril de 2019, quando, durante um café da manhã com jornalistas, ao falar sobre turismo no país, fez a seguinte declaração: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro. Temos famílias”. Esse episódio ocorreu juntamente com a demissão do diretor de Comunicação e Marketing do Banco do Brasil, Delano Valentim, por ocasião da produção de propaganda da instituição censurada por Bolsonaro.

Por que esse enunciado nos interessa especialmente? Aqui chegamos ao segundo momento do desenvolvimento da análise, a qual teve início com a apresentação das condições imediatas de produção do discurso. Cabe relevar o que causa incômodo naquilo que é dito pelo Presidente, o que, no enunciado, mobiliza o olhar do analista de discurso. Essa mobilização do olhar especializado do analista tem relação não somente com aquilo que se coloca como condições imediatas de produção, mas com o funcionamento das formações discursivas, relacionadas às condições sócio-histórico-ideológicas (amplas) de produção do discurso, promovendo a problematização sobre o dito em confronto com o não-dito. Assim, conforme Mittmann (2010, p. 87), partimos da materialidade linguística para a discussão sobre a materialidade histórica, entendendo-se que a materialidade histórica não concerne à “[...] situação de enunciação (eu-tu/aqui-agora), mas que é somente a partir da identificação particular do sujeito de discurso com uma formação discursiva (FD) que é possível re-dizer o já-dito, que por ser dito em condições particulares já é re-significado”.

Esta reflexão mobilizará especialmente uma formação discursiva compreendida como conservadora, que atualiza saberes vinculados a uma posição política, ideológica e de classe associada a saberes homofóbicos e misóginos, por exemplo, ao mesmo tempo em que se coloca a favor da família tradicional. Chamaremos essa formação discursiva de FD Conservadora, a qual se coloca em aliança com saberes advindos do espectro da extrema direita da ideologia política bolsonarista.

Apesar de já adiantarmos essa consideração referente à FD, é importante deixar registrado, neste momento, que entendemos, conforme o mecanismo de descrição e interpretação próprio da teoria, que a nomeação da formação discursiva não se dá *a priori*, pois, caso isso acontecesse, estaríamos ignorando o pressuposto fundamental que diz respeito à base materialista (e não idealista) da teoria. Somente um processo analítico de base idealista poderia ter as formações discursivas configuradas antes mesmo da observação do material de análise. Ao nos referirmos à formação discursiva de extrema direita, estamos adiantando algo obtido a partir da descrição e interpretação do *corpus*, conforme será a seguir apresentado. Traremos, portanto, os elementos que nos levam a essa configuração no decorrer da análise apresentada nesta seção.

Após a reflexão sobre o que chama a atenção do olhar da analista, podemos promover a realização de paráfrases a partir daquilo que é dito. Com isso, começamos a construir a configuração da formação discursiva de referência. A sequência discursiva “Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro. Temos famílias”, poderia, segundo nosso gesto de interpretação, ser dita de cinco outras formas, pelo menos. Vamos apresentar essas paráfrases a seguir.

(1) *O sexo com mulheres está liberado, mas o excesso de sexo homossexual masculino não pode acontecer, pois precisamos respeitar as famílias.* Com essa primeira paráfrase, observamos que não se impõe uma restrição ao sexo livre com mulheres. O sexo heterossexual é permitido, ao passo que o sexo homossexual masculino não o é. Também percebemos que o sexo está liberado, mas não fica explícito para quem o sexo com mulheres está liberado. A justificativa para essa restrição se dá pela necessidade de se respeitar as famílias. Existe, portanto, uma relação de sentido de explicação entre o primeiro período e o segundo.

(2) *As pessoas interessadas em vir ao Brasil para fazer sexo com mulher podem fazê-lo, desde que não façam sexo homossexual, pois temos famílias que precisam ser respeitadas.* A partir da primeira paráfrase, conseguimos elaborar mais uma possibilidade de dito por essa rede de formulações, ou seja, pela mesma formação discursiva. Na primeira paráfrase elaborada, não está dito para quem o sexo com mulheres está liberado (assim como não está dito no enunciado de Bolsonaro). Aqui, realizamos uma alteração de forma a colocar o interlocutor em evidência (*as pessoas*), visto que Bolsonaro se dirige a alguém quando enuncia (Bolsonaro se dirige a *quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher*).

(3) *Os homens que quiserem vir aqui fazer sexo com mulher, podem vir, mas não podem vir aqui fazer sexo com outros homens, pois as famílias não podem ser expostas a esse tipo de coisa inaceitável.* A terceira paráfrase desloca *as pessoas* para *os homens*, pois

reconhecemos que Bolsonaro se dirige a homens quando autoriza o sexo heterossexual e interdita o sexo homossexual no Brasil. O sexo homossexual é inaceitável para as famílias brasileiras, e, em função disso, o Brasil não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay. O turismo heterossexual pode acontecer, mas não pode acontecer o turismo homossexual.

(4) *Eu autorizo que homens estrangeiros venham aqui comer as mulheres brasileiras, mas não podem comer homem, pois eu considero isso inaceitável para as nossas famílias cisheteropatriarcais religiosas.* Ao dizer “quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade”, Bolsonaro regulamenta a conduta sexual do turista homem estrangeiro no Brasil; sendo assim, é possível interpretar tal enunciado como uma autorização, por isso dizemos a paráfrase iniciada *Eu autorizo*. A relação entre os turistas e as mulheres brasileiras é puramente sexual, como se fossem disponíveis para satisfazer o prazer dos estrangeiros que querem fazer sexo. Ao mesmo tempo, Bolsonaro, quando traz à tona as famílias, imaginariamente as representa como *uma* família específica, a família cisheteropatriarcal religiosa; o que diz traz o efeito naturalizado produzido pelo significante *família*, pois não vê a necessidade de especificá-la com um adjunto adnominal. A família cisheteropatriarcal religiosa é a única família possível a partir dessa formação discursiva, que determina a representação imaginária colocada em circulação por Bolsonaro.

(5) *Eu autorizo somente o turismo heterossexual masculino no Brasil, em respeito às famílias cisheteropatriarcais religiosas.* Com o processo de deslizamentos no interior da mesma formação discursiva, podemos chegar ao enunciado proposto em (5). Isso nos leva a questionar o que estaria permitido pelas famílias, as quais autorizariam determinado tipo de conduta sexual por parte dos homens estrangeiros e das mulheres brasileiras. Além disso, também chama a atenção o efeito de autorização/desautorização produzido a partir daquilo que Bolsonaro diz, o que nos remete à Teoria dos Atos de Fala: dizer é fazer, ou seja, quando o sujeito-falante diz, ele se coloca em um lugar imaginário que o permite *executar* o que pensa, o que pode ser aproximado de um funcionamento autoritário do discurso (ORLANDI, 2006), baseado em uma perspectiva autocrática da república. O sujeito-falante se representa imaginariamente como aquele que pode e deve autorizar ou desautorizar, da mesma forma que um capitão do exército, que um mito... que um ditador.

Através das paráfrases apresentadas, temos o dito em relação com o que não é dito pela mesma formação discursiva. São outras formulações possíveis de serem colocadas em circulação, as quais apresentam o funcionamento da formação discursiva de referência. Vamos, então, percebendo a possibilidade de designá-la como FD Conservadora, em função de autorizar saberes que significam a família como cisheteropatriarcal, a partir da qual são interdidadas relações homossexuais masculinas, mas, ao mesmo tempo, a mulher pode se tornar objeto do desejo do homem heterossexual.

A partir daquilo que Bolsonaro diz, ou seja, “Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro. Temos famílias”, operamos paráfrases possíveis de serem ditas pela mesma rede de formulações ideologicamente amarrada, delimitada. Assim, chegamos à paráfrase final. É como se Bolsonaro dissesse: *Eu autorizo o turismo heterossexual masculino no Brasil, em respeito às famílias cisheteropatriarcais religiosas.*

Com esse movimento parafrástico, chegamos ao momento da realização do movimento polissêmico. Nos questionamos, então, o que não poderia ser dito a partir dessa mesma rede de formulações, isto é, a partir dessa mesma formação discursiva. Por exemplo: *Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro.* Nessa formulação, retiramos o segundo período, que acrescenta “Temos famílias”. Parece que uma das justificativas para a autorização de um tipo de turismo (e negação de outro) está na família tradicional brasileira, a qual não pode ser afetada pelo “fantasma” da homossexualidade. Assim, com o apagamento do segundo período, teríamos algo que não poderia ser dito por uma formação discursiva antagônica.

Da mesma forma, não poderia ser dito: *Quem quiser vir aqui fazer sexo, fique à vontade.* É impossível, dessa posição, não acrescentar o complemento nominal *com mulheres* ao Nome *sexo*. É necessário restringir qual tipo de prática sexual é autorizada, pois há práticas possíveis e há práticas impedidas de acontecerem pelo respeito às famílias tradicionais. Caso façamos alguns apagamentos de segmentos do enunciado, ele não pode mais ser formulado pela formação discursiva de referência, tida como Conservadora. Não é possível dizer somente *Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade*, sem que se faça referência ao impedimento do

sexo homossexual. Da mesma forma, é impossível deixar de fazer referência às famílias, pois, a partir dessa rede de significação, a família (cisheteropatriarcal) é ponto a partir do qual as condutas sexuais se definem e se normatizam.

Além disso, seria impossível substituir *Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher* por *Quem quiser vir aqui fazer sexo com homem*, já que o homem não pode ser significado a partir de uma posição de passividade e de objetificação. É impedido, portanto, da posição da FD de referência, que se convide mulheres para virem ao Brasil fazer sexo com homens. Entendemos que, ainda, o enunciado *O sexo no Brasil está liberado para quem quiser, desde que sem exploração sexual e com regulamentação da prostituição* seria impedido totalmente de emergir pela Formação Discursiva Conservadora, a qual não contempla os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, entende as mulheres como subjugadas ao homem e não tem interesse no cessamento de práticas de exploração sexual, justamente porque entende o turismo sexual como necessário e justificável, sendo, inclusive, possível para as famílias.

Esses movimentos polissêmicos em relação à FD de referência nos aproximam do processo de deslocamento configurado por Mittmann (2014), ao passo que os movimentos parafrásticos podem ser compreendidos como deslizamentos. Esses deslocamentos e deslizamentos ajudam na configuração da formação discursiva de referência, ou seja, da formação discursiva a partir da qual a produção de determinada materialidade é possível, posto que é significada com base em determinada região do interdiscurso.

Avançando mais no desenvolvimento da análise, podemos buscar outras formulações possíveis de serem colocadas em circulação pela formação discursiva de identificação do sujeito-enunciador. Assim, chegamos a possibilidades como *A família é composta por um homem e por uma mulher*; *A homossexualidade deve ser reprimida e interdita*; *Mulheres podem ser objeto do prazer do homem*; *Mulheres podem ser comercializadas para práticas sexuais*; *Gays não são previstos no funcionamento das famílias*; *O país não pode ter fama de país gay*; e *O país pode ficar conhecido como paraíso do prazer heterossexual*. Tudo isso pode e deve ser dito a partir dessa posição. Tudo isso possibilita que o sujeito-falante coloque em circulação a formulação em análise. Assim funciona a formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada: ao mesmo tempo em que Bolsonaro pode e deve atualizar tais enunciados, vinculados a uma posição de extrema direita, ele não pode e não deve atualizar enunciados advindos de uma posição antagônica.

Podemos tentar resgatar, ao mesmo tempo, enunciados possíveis de serem ditos a partir da posição antagônica: enunciados censurados na nossa formação discursiva de referência. Temos, por exemplo: *A família não precisa ser composta somente por pessoas de sexo diferente*; *A orientação sexual é livre para os sujeitos, assim como a identificação de gênero*; *Mulheres não são entendidas como objeto do prazer do homem*. *Mulheres têm liberdade sexual*; *Mulheres não podem ser comercializadas para práticas sexuais*. *A atividade de prostituição pode ser regulamentada*; *Gays (LGBTQI+) podem compor famílias*; e *Ninguém está interessado na fama que o país tem (ou não tem) com relação à conduta sexual das pessoas*. Essas formulações são, portanto, interditas a partir da posição da qual Bolsonaro fala.

Cabe, ainda, nesse gesto de análise, realizar uma pequena descrição linguística. O enunciado completo é: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro. Temos famílias”. Há, nesse recorte, um período composto por coordenação [Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro], sendo que a primeira oração do período é composta por um vocativo [quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher] e uma oração no imperativo acompanhada de uma oração coordenada [mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro], introduzida por conjunção adversativa [mas]. Em seguida, o enunciado é complementado pelo período simples [Temos famílias].

[Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher] funciona, então, como vocativo. O sujeito enunciador está construindo um diálogo com um interlocutor imaginário, a quem autoriza a vir ao Brasil como turista para transar com mulher. A autorização de Bolsonaro traz como efeito o seguinte não-dito: pode fazer sexo com mulher, logo, não pode fazer sexo com homem. Caso a oração coordenada não tivesse sido introduzida [mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro], a prática de sexo autorizada seria de turistas estrangeiros com mulheres brasileiras, podendo ser praticado tanto por mulheres quanto por homens estrangeiros. No entanto, ao completar o período com [mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro], entende-se que a prática sexual gay está sendo compreendida por Bolsonaro como restrita à prática de sexo com homens, posto que o sexo com mulheres está autorizado, mas não o sexo gay. Logo, se o interlocutor pode transar com mulheres, mas não pode praticar sexo

homossexual, entende-se que seu interlocutor imaginário é homem. O sujeito-enunciador, imaginariamente constrói o seu interlocutor como sendo um homem que está interdito a fazer sexo homossexual, e pode-se interpretar que homens gays não podem vir ao Brasil para fazer sexo, sendo esse imaginário forjado pela determinação da formação discursiva de referência.

Temos, na declaração de Bolsonaro, dentre outros efeitos de sentido possíveis, os seguintes: (1) um apagamento da possibilidade de mulheres quererem vir ao Brasil para fazer sexo com homens; (2) a repressão/censura da homossexualidade masculina; e (3) o apagamento da homossexualidade feminina, dentre outras possibilidades de relações referentes a práticas sexuais, identificações de gênero e orientações sexuais.

[Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade] poderia ser parafraseado como um período composto por subordinação: [Se alguém quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade]. A construção sintática empregada tem efeito de condição, como se somente o sexo com mulheres, praticado por homens heterossexuais, fosse permitido no Brasil. Em seguida do vocativo, surge o período no imperativo [fique à vontade], no qual Bolsonaro dá total liberdade aos estrangeiros que se quiserem utilizar das mulheres brasileiras para a prática de sexo. Com isso, podemos compreender que a forma como Bolsonaro representa a mulher está vinculada a sentidos de subserviência, de mercadoria, de provedora de prazer para o homem, cuja existência é determinada pela posição dominante cisheteropatriarcal masculina.

O Brasil, assim, pode ser o paraíso do sexo heterossexual masculino, e isso é permitido pela posição dominante, ou seja, pode e deve ser dito na identificação com uma formação discursiva aqui denominada como FD Conservadora. Por essa FD, o homem só pode ser significado como heterossexual. Podemos entender, então, que o “sexo com mulher” é previsto pelo turista e, também, pelo brasileiro. Parece que a família “tradicional” brasileira prevê esse tipo de comportamento masculino, pois os estrangeiros podem vir aqui e usar das mulheres (não casadas) para fazerem sexo.

Ainda, podemos partir do vocativo, compreendido aqui pelo funcionamento de uma oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo: [quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher] poderia ser equivalente a [aquele que quiser vir aqui fazer sexo com mulher]. Pêcheux (2009a), quando fala das restritivas e das explicativas, faz trabalhar a noção de pré-construído e de discurso transversal, respectivamente. A restritiva está funcionando, no discurso de Bolsonaro, como saber naturalizado, próximo da teorização sobre o funcionamento do pré-construído como aquilo *que todo mundo sabe*: é natural fazer sexo com mulher. Tal seria a posição hegemônica, que reproduz saberes de ordem machista, e é reproduzida pelo próprio Presidente da República.

Partindo para a segunda parte do recorte analisado, Bolsonaro introduz uma oração coordenada sindética adversativa [mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro]. O operador de contração impõe uma negação, um impedimento, uma censura. Questionamos, inclusive, o emprego da conjunção adversativa, porque parece que a introdução de uma coordenada explicativa seria a articulação mais adequada: [Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, **pois** não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro]. Sendo assim, o **mas**, apesar de ser entendido, pela tradição gramatical, como conjunção adversativa, ou seja, como uma conjunção que introduz uma oposição, na sequência analisada não possui esse funcionamento<sup>8</sup>.

O sujeito-falante estabelece uma censura que diz respeito à imagem do país: [não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro]. “Aqui dentro” surge tendo como referente o país Brasil, o qual emerge como pressuposto, já que Bolsonaro, por meio do uso excessivo dos dêiticos, não introduz o referente sobre o qual sua fala trata: aqui/aqui dentro. Poderíamos fazer uma paráfrase: [O Brasil não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay]. Poderíamos até pensar o seguinte: o Brasil não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay, mas pode ficar conhecido como paraíso do mundo heterossexual, pois o sexo com mulheres foi autorizado pelo Presidente. O Brasil não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay, porque, segundo ele, temos famílias.

<sup>8</sup> Agradeço ao comentário feito pela professora Solange Mittmann, em aula do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, sobre essa questão referente ao funcionamento da conjunção adversativa.

O período simples introduzido em seguida [Temos famílias] funciona como uma oração coordenada sindética explicativa: [não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro, **porque** temos famílias]. A justificativa para a censura à homossexualidade masculina se dá em função da existência de famílias, que não são famílias homossexuais. Em resumo, Bolsonaro imaginariamente representa a família brasileira como aquela constituída por homem e mulher, em que o homem pode transar com outras mulheres, já que o paraíso do mundo heterossexual seria permitido.

Com a análise aqui desenvolvida, que parte da materialidade da língua para o processo discursivo, conseguimos compreender o funcionamento de uma formação discursiva conservadora, a partir da qual seria possível dizer o enunciado em foco. Nossa interpretação aponta, então, para a possibilidade de reprodução de violência de gênero prevista pelo funcionamento dessa formação discursiva, considerando que, ao falar sobre o turismo sexual no Brasil, coloca-se em circulação saberes sobre a mulher, sobre o homem e sobre homossexuais que hierarquizam as identificações de gênero e as simbolizam como dependentes da determinação sexual biológica. Através da relação entre o que é dito e o que não é dito, conseguimos chegar a essas considerações; conforme Mittmann (2010, p. 92), “[...] o analista lança mão de traços sintáticos e lexicais para, do ponto de vista discursivo, remeter ao já-lá da interpelação ideológica e do interdiscurso”. Foi isso o que tentamos fazer com o presente trabalho.

#### 4 CONCLUSÃO

Nossa reflexão, com a descrição e interpretação de uma sequência discursiva recortada de fala de Jair Bolsonaro, Presidente do Brasil, trouxe o resgate das condições sócio-histórico-ideológicas de produção do discurso pela observação do funcionamento sintático do enunciado em análise. Através da relação entre o dito e o não-dito, chegamos à constatação do pressuposto fundamental da Análise de Discurso de que a língua possui autonomia relativa, o que significa dizer que a língua não possui o significado atrelado às palavras que são formuladas pelo sujeito-falante, mas, na verdade, o significado é dependente de uma posição política, ideológica e de classe com a qual o sujeito se identifica. Assim, o sentido não está na palavra *mulher*, por exemplo, mas nos processos léxico-sintáticos produzidos a partir do funcionamento das formações discursivas: a língua possui autonomia relativa, e é determinada pelos processos sócio-histórico-ideológicos. É a partir dela, portanto, que podemos acessar esses processos e, também, modificá-los.

Com o estabelecimento da formação discursiva conservadora como formação discursiva de referência, conseguimos resgatar aquilo que é possível de ser dito a partir da posição daquele que enuncia a sequência em foco. Nosso gesto de interpretação conclui que há, com o enunciado colocado em circulação, uma reprodução de violência de gênero ao se tratar sobre o turismo sexual no Brasil. Ao mesmo tempo em que se faz uma autorização referente ao turismo heterossexual, se desautoriza o turismo homossexual, sendo estabelecida, portanto, uma relação hierárquica entre a posição dominante masculina cisheteronormativa, determinada por um discurso dominante patriarcal, no seio da formação social capitalista. Ao invés do “nacionalismo ofendido” (FRANÇA, 2016), a formulação reproduz o estereótipo dominante do Brasil como país do turismo sexual pelo discurso oficial da Presidência da República.

#### REFERÊNCIAS

ÁLVARES, D. Bolsonaro diz que veto à propaganda do Banco do Brasil foi “respeito com a população”. *Congresso em Foco Uol*, 4 maio 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-diz-que-veto-a-propaganda-do-banco-do-brasil-foi-respeito-com-a-populacao-veja-video/>. Acesso em: 13 agosto 2020.

COSTA E SILVA, M. da V. O discurso de ódio e a polarização podem levar ao colapso do regime democrático? *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, n. 3, p. 386-391, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1727>. Acesso em: 11 set. 2020.

- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 13-31.
- INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007a. p. 163-172.
- INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007b. p. 75-88.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. O caráter singular da língua no discurso. *Organon*, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.
- FRANÇA, G. Sobre (e n) o corpo: o discurso do turismo sexual nos ambientes digital e off-line. *Redisco*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 81-98, 2016. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2520>. Acesso em: 11 set. 2020.
- LIMA, F. R. de. As eleições de 2018 e a ascensão da extrema direita no Brasil. *Revista Percorso – NEMO*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 207-215, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percorso/article/view/49779>. Acesso em: 11 set. 2020.
- MAZUI, G.; RODRIGUES, P. Bolsonaro anuncia saída do PSL e criação de novo partido. G1 política, Brasília, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/12/deputados-do-psl-dizem-que-bolsonaro-decidiu-deixar-partido-e-criar-nova-legenda.ghtml>. Acesso em: 13 de ago. 2020.
- MIGUEL, L. F. Jornalismo, polarização política e a querela das fake news. *Estudos em jornalismo e mídia*, v. 16, n. 2, p. 46-58, julho-dez de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p46>. Acesso em: 11 set. 2020.
- MITTMANN, S. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. *Revista Desenredo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 6, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1380>. Acesso em: 11 set. 2020.
- MITTMANN, S. Formação discursiva e autoria na produção e na circulação de arquivos. *Conexão Letras*, v. 9, n. 11, p. 31-40, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55136>. Acesso em: 11 set. 2020.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003a.
- ORLANDI, E. Introdução. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, E. *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003b. p. 7-24.
- ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009a.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009b. p. 269-281.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes Editores, [1969] 2019. p. 17-63.

PT perde votos em todas regiões e fica isolado no Nordeste. *Folha de São Paulo* [on-line], São Paulo, 30 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/pt-perde-votos-em-todas-regioes-e-fica-isolado-no-nordeste.shtml>. Acesso em: 13 ago. 2020.

RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de *Fake News* políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galaxia*, São Paulo, n. 41, p. 31-47, maio-ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/n41/1519-311X-gal-41-0031.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

REDAÇÃO PRAGMATISMO. "Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade", diz Bolsonaro. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraiso-gay.html>. Acesso em: 10 ago. 2020

REICHOW, A. de M.; MELLO, L. E. de; CARLEIAL, L. M. da F. Soluções autoritárias para crises econômicas: lições da greve dos caminhoneiros de 2018 para o direito coletivo do trabalho no Brasil. *R.E.V.I. – Revista de Estudos Vale do Iguaçu*, União da Vitória, v. 2, n. 31, p. 139-154, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://book.uniguacu.edu.br/index.php/REVI/issue/view/48/54>. Acesso em: 11 set. 2020.

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ZANDWAIS, A. O trabalho da argumentação: da ordem da língua para o funcionamento no discurso. In: VITALE, M. A. *et al. Estudios de discurso y argumentación*. Coimbra: Gácio Editor, 2019. p. 103-120.

ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. J. Apresentação: uma análise discursiva das identificações de gênero. In: ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. J. (org.). *Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia – volume 1*. Campinas: Pontes, 2017. p. 07-19.



Recebido em 11/09/2020. Aceito em 09/11/2020.